

Bullying: violência na linguagem e sua dimensão perlocucionária

Bullying: violence in language and its perlocutionary dimension

Graziela Hahn  

grazielahn@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Resumo

Este artigo, inscrito no campo da Linguística Aplicada, dialoga com outros campos do conhecimento e aborda, principalmente, a ideia de que a linguagem é uma forma de ação. Fundamentalmente, discuto as possíveis formas que essa ação pode assumir, abordando a violência e sua manifestação na forma do bullying. Na medida em que vemos a violência não apenas como um conceito destrutivo, procuro entender como a significação e a resignificação dos sujeitos, através do bullying, se tornam possíveis e se delinham a partir de uma violação do outro. De forma a esboçar a maneira danosa e violenta em que o bullying se manifesta, realizo uma análise das formas simbólicas investidas contra as vítimas, por meio das quais uma série de efeitos têm origem. Analiso, principalmente, depoimentos disponíveis em meio público digital, os quais compõem o documentário *Marcas de uma geração*, disponível no YouTube. Abordo os modos pelos quais diferentes sujeitos são diminuídos, depreciados, excluídos e violentados através do bullying, revelando o modo como a linguagem é utilizada para ferir o outro, especialmente aquele que representa o gênero, a raça, o corpo que não se quer aceitar. Essa discussão sobre o papel central do bullying no processo de formação do sujeito significa, no limite, que outros campos, outras abordagens críticas, além dos estudos da linguagem, deveriam incluir a questão dessa forma de violência em suas abordagens.

Palavras-chave

Bullying. Performatividade. Violência.

Abstract

This article, inscribed in the field of Applied Linguistics, dialogues with other fields of knowledge and mainly addresses the idea that language is a form of action. Fundamentally, it discusses the possible forms that this action can take, approaching violence and its manifestation in the form of bullying. As we see violence not only as a destructive concept, I try to understand how the meaning and resignification of subjects, through bullying, become possible and are outlined from a violation of the other. In order to outline the harmful and violent way in which bullying manifests itself, an analysis is carried out of the symbolic forms invested against the victims, through which a series of effects originate. I mainly analyze testimonies available in digital media, which make up the documentary *Marcas de uma Geração*, available on YouTube. I approach the ways in which different subjects are diminished, depreciated, excluded and violated through bullying, revealing the way in which language is used to hurt the other, especially the one that represents the gender, the race, the body that one does not want to accept. This

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 20/09/2021

Aprovação do trabalho: 03/10/2022

Publicação do trabalho: 07/04/2023

 10.46230/2674-8266-15-7127

COMO CITAR

HAHN, Graziela. *Bullying: violência na linguagem e sua dimensão perlocucionária*. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.1, 2023. p. 152-176. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/7127>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

discussion about the central role of bullying in the formation process of the subject means, at the limit, that other fields, other critical approaches, in addition to language studies, should include the issue of this form of violence in their approaches.

Keywords

Bullying. Performativity. Violence.

Introdução

Tratar de violência é tratar de um fenômeno que atinge o meio social de diferentes formas e em diferentes esferas. Sem escolher etnia, escolaridade ou classe social (entre outros), a violência é um problema ao qual todos estamos sujeitos, diariamente, podendo sermos atingidos por uma de suas manifestações a qualquer momento. Nesta pesquisa, abordamos a problemática da violência linguística, sem anular a existência de suas demais formas, concentrando-nos em uma especificidade: o bullying.

Ao longo do texto, buscamos mostrar de que forma o bullying se configura como violência e, mais especificamente, como violência linguística, com o intuito de abordar suas dimensões performativas. Também discutimos a questão de como, ao longo do tempo, em diferentes épocas e contextos sociais, as pessoas vêm lidando com este fenômeno que, cada vez mais, ganha espaço nas discussões acadêmicas e populares. Ao longo de nossa articulação, discutimos a forma como o bullying vem ganhando força e atingindo cada vez mais, em diferentes proporções, sujeitos que estão em processo de formação ou, como veremos o que diz Butler (1997), sujeitos que estão em reiteração constante.

O bullying ganhou notoriedade a partir do final de 1990. O fenômeno, que já existia, chegou para nós com o nome de bullying e continua a ser chamado por esse nome estrangeiro por conta da falta de um único termo específico que seja capaz de nomear a especificidade da violência na qual consiste o bullying. Durante muito tempo, comportamentos agressivos (verbal ou fisicamente), apelidos, chacotas, etc., eram vistos como inofensivos ou até mesmo naturais na infância. Porém, com a chegada do termo e o início dos estudos e discussões relacionados a ele, além de sua definição e reconhecimento, essa questão passou a ganhar visibilidade e a trazer para as discussões uma série de práticas que eram, antes, facilmente apagadas. Para entendermos, vejamos a definição dada por Fante (2005):

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão;

termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência [...] (FANTE, 2005, p. 27).

Há estudos que mostram casos de pessoas que foram expostas ao bullying e enfrentam consequências físicas e emocionais, a curto ou longo prazo (LOPES NETO, 2005). Para exemplificar, observamos o relato de Matheus:

(1) A principal motivação do bullying que eu sofria era o fato de eu ser muito afeminado, assim... e ter minha sexualidade o tempo todo questionada para além do que seria normal né, que é ser heterossexual. E... foi algo que... que antes mesmo de eu ter a minha identidade como gay eu já era questionado a respeito disso. Antes mesmo de eu entender o que era sexualidade, do que era atração sexual, é... através do meu comportamento as pessoas já me questionavam, já me maltratavam por causa disso. A gente sempre tenta reagir de alguma forma, seja tentando não se importar, seja... é... chorando, depois, sozinho [...] Eu acho que eu acabei desenvolvendo coisas que eu chamo de “técnica da sobrevivência da sociabilidade”, porque... eu sou muito calculista hoje, no sentido social, no que eu posso, do que eu não posso fazer, dependendo do lugar que eu tô, eu tenho que, sei lá, calculando o tempo todo é... como me adaptar. Eu acho que isso é algo que eu desenvolvi que eu não tinha, assim... é... a gente acaba perdendo um pouco dessa espontaneidade, eu acho, pra sobreviver mesmo, assim... sem um conflito muito grande, sabe?! [...] Acho que o regime que a gente tem hoje, da... né... operado pelo machismo, pela masculinidade hegemônica, é tão forte, tão forte, que uma coisa mínima já tenciona isso, traz um conflito muito grande [...] E... assim, eu sou uma pessoa que gosto de pintar a unha... Então, por exemplo, dependendo do lugar que eu tô, eu, intuitivamente, escondo as mãos pra não mostrar que eu tô com a unha pintada, por exemplo, e é um cálculo que é... é chato de ficar fazendo o tempo todo, mas eu também não sei como viver de outra forma (MATHEUS).

Matheus é um jovem de 24 anos de idade, homem, homossexual, estudante universitário e é um dos jovens que compõem nosso quadro de análise. Uma das primeiras coisas que nos chama a atenção no relato de Matheus é a forma como ele se expressa. O jovem conta sua história com um tom de tranquilidade (conforme vemos no documentário), relatando sua experiência com uma maturidade e um olhar sobre a violência da sua formação, muito diferente daqueles que sofreram de forma mais severa. No entanto, sua postura atual não deixa escapar o fato de que, ainda assim, as consequências por estar constantemente submetido ao bullying trouxeram uma resignificação para ele, enquanto sujeito.

A partir de relatos como o de Matheus, discutimos o bullying como uma violência linguística que ocorre, principalmente, através de atos de fala performativos (AUSTIN, 1962), cujos efeitos são perlocucionários. Aqui, defendemos a ideia

de que isso ocorre devido a iterabilidade discursiva (DERRIDA, 1990), propriedade de todo signo linguístico presente em diferentes campos e utilizado conforme determinados *habitus* (BOURDIEU, 1990). Para tal, compreendemos que a linguagem age, e age performativamente, trazendo diferentes efeitos de acordo com o ato de fala em questão.

Nesse sentido, Austin (1962) percebeu que os enunciados que proferimos fazem mais do que representar algo no mundo, que eles produzem algo/um efeito: que *dizer é fazer*. Para explicar essas ações, o autor trabalha na elaboração da teoria dos atos de fala, os quais fundamentam sua teoria, sendo: i) ato de fala *locucionário*, que consiste no ato de dizer, propriamente, determinado enunciado; ii) ato de fala *ilocucionário*, que se refere às ações que o falante pretende realizar ao produzir determinados enunciados e iii) ato de fala *perlocucionário*, que consiste nas consequências ou efeitos que a fala causa ao interlocutor – o perlocucionário age sobre as crenças, pensamentos ou ações do outro.

Então, Austin (1962) explica que o ato de fala perlocucionário é como uma consequência do ilocucionário, como quando alguém promete (fazer uma promessa é um ato ilocucionário, pois o falante transmite essa intencionalidade com relação ao objeto da promessa), pois traz para o interlocutor o efeito de criar expectativas, por exemplo (que é o ato perlocucionário correspondente), é o efeito gerado sobre o outro, sobre aquele que recebe a promessa e fica na expectativa de que o objetivo seja alcançado. Sob tal perspectiva, podemos perceber o bullying como um fenômeno que se realiza performativamente, na medida em que o uso de determinadas sentenças atinge o outro e o faz se sentir afetado por aquilo que lhe foi dito. A pessoa que é vítima de bullying, como veremos ao longo dessa discussão, é quase sempre um sujeito fragilizado ao ponto de aceitar ou passar a se enxergar como alguém que é aquilo que o outro fala ou que se sente atingido (machucado, ofendido) por determinado discurso.

A dimensão perlocucionária do bullying sobre Matheus, por exemplo, como em (1) e como veremos ao longo do texto, não consiste apenas na maneira como ele se sentia, mas também nas coisas que ele passou a aprender como um sujeito que se resignificou, se tornou outro após a violação. De acordo com Austin (1962), o perlocucionário (esse efeito do que é dito) pode ser algo não esperado por aquele que o diz, ou vice-versa, o que nos mostra inúmeras possibilidades de consequências para um ato perlocucionário. Nesse sentido, os atos de um enunciado ocorrem simultaneamente, são relativos ao contexto de fala e às pessoas que falam, e são interpretáveis com uma amplitude, muitas vezes, difícil de ser descrita nos limites de uma análise linguística. Matheus, em seu relato, nos mos-

tra que existe uma acumulação, e isso vai se somando em termos de perlocução (se mostrando através dos efeitos sobre ele). Butler (1997), a esse respeito, afirma que nenhum termo ou enunciado pode funcionar performativamente sem a acumuladora e dissimuladora historicidade da força.

Algum tempo após a teorização austiniana sobre o performativo, Derrida (1991), faz sua leitura a respeito do tema e oferece um conceito complementar para explicar seu pensamento: iterabilidade (ou citacionalidade). O autor busca discutir a teoria de Austin para mostrar a possibilidade que todo signo possui de poder ser repetido na ausência de seu referente e na ausência de seu significado ou intenção. A crítica derridiana teve seu desenvolvimento com início na conferência *Assinatura, Acontecimento, Contexto* (1972; 1988), em duas etapas, sendo que na primeira Derrida descreve o conceito clássico de escritura e na segunda analisa criticamente a reflexão de Austin sobre performatividade linguística.

À luz de Derrida (1991), é a iterabilidade, pois, que nos faz perceber – ao olharmos para os casos de bullying aqui expostos – uma manifestação da violência linguística que, como já dito, é sempre acumuladora, no sentido de que as vítimas guardam em si os sentimentos gerados pela violência simbólica sofrida, até que, em certo ponto, esse tipo de acumulação age, abala e modifica estruturas corpóreas e psíquicas que reagem de diferentes maneiras e em diferentes momentos a essa violência; e dissimuladora, ao passo que muitas vezes as vítimas se sentem culpadas por estarem nessa posição, pois julgam a si mesmas como merecedoras de tal (BUTLER, 1997). Um bom exemplo desses casos, em que a vítima julga merecer passar por esse tipo de situação, pode ser o que Ana Luísa, outra jovem a quem estudamos, relata:

(2) [...] eu acho muito triste de olhar, tipo, para uma criança, basicamente, de 14 anos e saber que ela era totalmente infeliz com a vida dela e com as coisas e ela não tinha a menor... ideia de como mudar aquilo. Tipo assim, noção zero, porque ela achava que aquilo ali era normal... e que ela nunca ia encaixar, e ela nunca taria com os coleguinhas maneiros, ela nunca ia pertencer (ANA LUÍSA).

Nesse trecho, a jovem, a quem trataremos com mais detalhe adiante, toma um certo distanciamento da criança que ela foi, utilizando-se da narrativa em terceira pessoa, evidenciando o que ela vai deixando claro ao longo de sua fala: que aquela era, de fato, outra pessoa. Ana Luísa mostra a questão de que ela está justamente no grupo de pessoas que julgam a si mesmas como merecedoras de estarem em tal situação, merecedora do lugar de vítima do bullying, por conta de um efeito perlocucionário sobre ela, que era tão forte e marcante ao nível de ser

capaz de fazer com que ela acreditasse que estava *certo* estar constantemente submissa à injúria do outro. O que a jovem relata nos mostra seu sentimento de incapacidade, por um longo tempo, para lidar com a situação e fazer por si algo para mudar o contexto. Em contraposição a casos como o de Ana Luísa, temos o de Matheus, sobre quem falávamos há pouco. Em seu relato, Matheus nos faz perceber que ele sentiu a negatividade da violência, mas que, em linhas gerais, o efeito perlocucionário sobre ele foi um pouco diferente:

(3) E aí, quando eu vejo essas fotos em que a minha infância eu era muito mais espontâneo, eu fazia o que eu queria, é... e essa espontaneidade foi começando a ser violentada, é... isso traz algo negativo, assim. E aí eu acho que ver essas fotos me lembra que essa espontaneidade não tem nada de negativo, que eu posso ser quem eu sou, que não tem nenhum problema em ser gay, em ser afeminado... E eu gosto muito dessas fotos por isso. Elas me empoderam de certa forma, sabe?! Sei lá, eu acho que minha subjetividade fica mais forte ao ver essas fotos, ao saber que a minha origem é... era espontânea e alegre. E eu tento buscar um pouco disso pra mim hoje, também (MATHEUS).

Nesse trecho, Matheus fala mais um pouco sobre as fotografias da infância e adolescência. Em sua reflexão, é muito interessante perceber a maneira como ele busca força e positividade em cenas que não são típicas para isso, resignificando a si e ao contexto. Diferentemente de Ana Luísa, Matheus sentiu de outra forma os efeitos perlocucionários do bullying, assim como para cada sujeito esses efeitos são distintos. Vemos que o poder perlocucionário da fala, através do agir performativo da linguagem, possui tamanha força que é capaz de transformar qualquer pessoa em vítima e ela, enquanto vítima, transforma-se, coloca-se em tal lugar. A esse respeito (o lugar de vítima), essa é uma diferença notável entre os entrevistados: nem todos têm uma história bonita e de superação.

Ao longo de nossa discussão, falamos sobre a violência e seu caráter performativo, que age sobre o outro. É justamente a discussão sobre a performatividade que abre vários modos significativos de repensar a identidade, nos termos de Butler (1997; 2010), e a linguagem. A partir daí, temos um modelo para repensar as relações entre a linguagem e a identidade que, segundo Pennycook (2018), enfatiza a força produtiva da linguagem na constituição da identidade. Isso significa dizer que em vez de a identidade ser um construto dado previamente e refletido no uso da linguagem, diante da violência (entre tantas outras coisas), ela coloca o sujeito, segundo Butler (1997; 2010), em resignificação.

Desse modo, para que toda a articulação proposta por esse estudo seja explanada, a estrutura metodológica desta pesquisa caracteriza-se como descritiva, exploratória, aplicada e de cunho qualitativo, podendo ser descrita da se-

guinte forma: selecionamos dois jovens, os quais foram vítima de bullying (Matheus e Ana Luísa), para discutir nossos apontamentos. O *corpus* deste estudo é composto por recurso audiovisual, disponível em meio público digital (Youtube). O vídeo em questão foi produzido por Lacerda, Netto e Morato (2017), como trabalho de conclusão de curso, e disponibilizado na rede digital. Além disso, a construção narrativa do relatório por trás do documentário foi disponibilizada a nós pelos produtores. Com isso, vale ressaltar que tanto o documentário original quanto nós, optamos por manter os nomes originais dos entrevistados, mas somente o primeiro nome. No nosso caso, essa escolha justifica-se pelo fato de alcançarmos os dados em via pública.

Quadro 1 – Corpus de análise:

Nome	Título do documentário	Data de publicação	Disponível em:
Matheus	Marcas de uma geração	Segundo semestre de 2017.	https://www.youtube.com/watch?v=AG9XnVaSesw&t=694s%2C03
Ana Luísa	Marcas de uma geração	Segundo semestre de 2017.	https://www.youtube.com/watch?v=AG9XnVaSesw&t=694s%2C03

Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha desses depoimentos, entre tantos outros relatos de pessoas que são diariamente vítimas da violência, justifica-se, basicamente, pela questão da maneira como os próprios entrevistados relatam a cena do bullying: todos os sujeitos em questão vivem uma situação pós-bullying, na qual conseguem olhar para si mesmos em outros contextos, em outro tempo e espaço, e percebem criticamente as modificações e os processos pelos quais passaram e que vão ao encontro do que buscamos mostrar com a presente pesquisa. Dessa forma, para que teoria e dados conversassem, se explicassem e complementassem, alguns conceitos foram abordados com vistas a nortear as discussões que foram fundamentais para a realização deste estudo: esta pesquisa parte da teoria sobre a performatividade (AUSTIN, 1970; RAJAGOPALAN, 2010; BUTLER, 1997; SILVA, 2010); sobre resignificação em Butler (1993; 1997); e sobre *habitus* e campo em Bourdieu (1990); além dessas questões, o pilar de toda a discussão proposta é a questão da violência na linguagem apresentada por Silva (2010; 2013; 2014).

Em termos de sequência argumentativa, este artigo segue a seguinte

estrutura: temos uma apresentação inicial de uma das concepções de linguagem que servem como escopo para as discussões teóricas que vêm adiante. Silva (2010) e Butler (1997) nos servem como base para entender que a violência pode acontecer através da linguagem e nos mostram de que forma isso é possível, caracterizando essa violência como simbólica. Seguimos falando de violência, violência na linguagem e bullying enquanto tal.

Dito isso, ressaltamos que o objetivo geral desse texto consiste em investigar como os atos de fala (entre outros fatores que geram bullying) funcionam, na medida em que esses são entendidos como uma forma de violência linguística, para apontar de que forma ele abala e modifica estruturas corpóreas e psíquicas mais ou menos fragilizadas. Para tal, buscamos discutir o caráter perlocucionário e o funcionamento dos atos de fala em relação ao bullying; descrever os casos de bullying com vistas a avaliar o caráter performativo da violência e abordar o processo de resignificação dos sujeitos vítimas de bullying.

1 Linguagem e violência: discutindo sobre o bullying

O estudo das relações entre a linguagem e a vida social, em especial no que diz respeito às ramificações, tais como classe social, etnia, gênero, raça, sexualidade etc., têm sido um grande tema de investigação científica da sociolinguística, segundo Moita Lopes (2013) e, mais recentemente, da Linguística Aplicada, especialmente no Brasil. Nesse sentido, este artigo trata sobre o problema da violência na linguagem para discutir a questão de que o bullying se enquadra como uma forma de ocorrência dessa violência e que, enquanto tal, tem efeitos sobre as vítimas, abalando e modificando estruturas corpóreas e psíquicas de diferentes maneiras. Na primeira parte do texto, discutimos o que é o bullying e quais elementos estão envolvidos em sua ocorrência, os quais serão aprofundados nas demais seções e discutidos conforme os dados.

Em seguida, apresento um breve panorama sobre o que é falado a respeito de bullying no Brasil e no mundo, mostrando os trabalhos de maior relevância e referência no assunto. Na sequência, abordamos a questão da violência na linguagem, aprofundando a discussão que mostra como o bullying se caracteriza como tal e seu funcionamento. Dessa forma, apresentamos uma ampla discussão a respeito da relação entre linguagem e bullying, com o objetivo de discutir de que forma funcionam os atos de fala violentos em relação à vítima. Para que isso seja possível, a perspectiva de cada indivíduo que sofreu bullying e que compõe nosso quadro de testemunhas é fundamental para dar luz à teoria, mostran-

do-nos diversas questões a serem pensadas ao longo desse texto. Caminhemos adiante.

1.1 O que é bullying?

Bullying é uma palavra de origem inglesa que designa atos repetitivos de agressão e intimidação contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. Entre as diversas motivações que serviram como fundamento para as agressões que as vítimas relatam ao longo desse trabalho, destacam-se determinadas características corporais de pessoas que não se enquadram no padrão socialmente estabelecido, sobre as quais olharemos com maior atenção mais adiante. Inicialmente, o termo bullying foi usado por Dan Olweus (1987) para se referir à ocorrência de violência entre os jovens, principalmente em idade escolar, ao estudar a tendência suicida entre estes e concluir que, em sua maioria, haviam sofrido algum tipo de ameaça ou exclusão no contexto escolar. Os estudos sobre bullying são muito recentes, principalmente no Brasil, onde tal fenômeno é tratado como atitude comportamental, em que alguém – o agressor – faz ou fala, de forma repetitiva, algo contra outra pessoa – a vítima –, de forma a desempenhar um poder sobre ele, através de apelidos maliciosos, xingamentos, exclusões, ameaças, brigas, etc., (OLWEUS, 1987; 1993; 1999; WEINHOLD, 2000; FABRE-CORNALI; EMIN; PAIN, 1999).

A literatura que trata do tema mostra-nos que o bullying é entendido como um conflito entre diferentes pessoas, mas que difere de outras formas de conflito, ao passo que, no bullying, há uma certa intenção (consciente ou não) de prejudicar a vítima em questão. É nesse sentido que, para Fante (2005b):

O bullying tem como característica a ocorrência de ações agressivas, intencionais, repetitivas e sem motivação aparente, que causam dor, angústia ou intimidação. O que propicia a ocorrência do bullying é a existência de um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, e se deve ao fato de o agredido não conseguir se defender, por não ser tão forte quanto o agressor ou por possuir características psicológicas ou físicas que o tornam alvo de discriminação (FANTE, 2005, p. 41).

Com relação ao ponto destacado acima, Olmedilla (1995) aponta que por se tratar de um comportamento no qual a relação entre agressor e vítima é um tanto quanto extensa, por se tratar de um comportamento repetitivo, suas consequências, em diversos aspectos (pessoal, institucional, social, etc.) são incalculáveis. No entanto, como Olweus (1999) aponta, existem outros comportamentos que não podem ser classificados como bullying. Sendo assim, o autor elenca ca-

racterísticas que especificam determinada forma de violência como bullying:

- i) Comportamento agressivo e com a intencionalidade de causar danos, degradante e ofensivo e que causa desagrado na vítima; ii) Ocorre repetidamente em um espaço de tempo; iii) Constitui-se como um relacionamento interpessoal que se caracteriza por um desequilíbrio de força, que pode ocorrer de diversas maneiras.

Em outros lugares como na França, por exemplo, Fabre-Cornali, Emin e Pain (1999), mostram que bullying é toda forma de mau uso da força, todas as formas de violência que estão presentes na escola ou que perturbem a vida escolar da vítima, até mesmo com indelicadeza, perturbações e barulhos. Envolvendo diferentes manifestações linguísticas e comportamentais, o bullying caracteriza-se por atuar em sua forma direta ou indireta. Na forma direta, o bullying acontece através de ameaças, ofensas verbais, expressões e gestos aliados ao ato de fala, de forma que causam, inicialmente, mal-estar nas vítimas. Por outro lado, na forma de manifestação indireta, o bullying se caracteriza como exclusão da vítima de determinados grupos, tratamentos com indiferença, difamação, entre outros (OLWEUS, 1993). Ainda, o autor também nos mostra que a manifestação da violência em sua forma física também ocorre quando o assunto é bullying. No entanto, o autor aponta que quase sempre se chega à agressão física por resposta da vítima ao agressor e consideravelmente menos por parte do agressor em relação à vítima. Dentre os fatores que mais se percebem como motivação para o bullying, segundo Smith (2006), estão as características físicas, socioeconômicas, raciais e de orientação sexual. Além desses estereótipos que motivam a manifestação dessa forma de violência, a função do bullying para o agressor é realizar uma afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. Martins (2005) afirma que os agressores costumam agir com dois intuitos, sendo: i) demonstrar poder e ii) conseguir uma afiliação junto a outros colegas.

Pesquisas desenvolvidas mundo afora, como as de Fonzi *et al.* (1999), Ortega e Mora-Merchan (1999), Almeida (1999), Morita *et al.* (2000), Olweus (1993, 1999, 2001), entre outros, mostram que muitos jovens relatam estar envolvidos em casos de bullying, tanto como vítima, quanto como agressor. No Brasil, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) realizou um estudo que mostra que a dimensão do problema pode ser ainda maior aqui. No referido estudo, realizado com 5.785 jovens, 40,5% admitiram estar diretamente envolvidos, sendo destes 16,9% vítimas, 10,9% vítimas-agressores e 12,7% como agressores (ABRAPIA, 2004). Então, para explicar no que consiste o bullying, Constantini (2004), fala que

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação transgressora individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo (...) definido como intimidadores nos confrontos com uma vítima (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

É importante, também, notar que o bullying pode ocorrer em qualquer contexto social e econômico – principalmente entre os jovens – e está presente em diversos ambientes, tais como universidades, famílias, trabalho, vizinhança, etc., mas é encontrado, conforme vimos acima, principalmente na escola, e como vemos na fala de Matheus:

(4) Ah, eu acho que o caso que mais me marcou foi... na 6ª série, que... é... eu, tipo, sentava mais pra trás assim, e aí tinha um menino que era muito babaca, escroto, que tipo, ele tava na escola só pra zoar mesmo, e aí ele não prestava atenção em nada na aula e ele sentava, tipo assim, a uma fila de distância da minha, só que um pouco mais pra trás, e aí... é... tava começando a febre do celular... os alunos estavam começando a ter celular na época, e aí, tipo, ele levou o celular pra escola e, tipo, foi a sensação, assim, aí... teve um momento em que ele pegou o celular tipo vibrando e tentou enfiar em mim, porque ele achou que eu fosse gostar, sabe?! Então... aí eu lembro que, tipo, eu levantei e... é... Fiquei muito, muito, muito nervoso, chorando e tremendo, e aí eu cheguei na professora e gritei com ela, que eu não aguentava mais aquilo porque, tipo, me enchia o saco todo dia, é... e esse foi o ponto mais físico, sabe?! Porque antes era tudo muito verbal, assim... mas sei lá, eu acho que chega num ponto em que as pessoas acham que têm liberdade de encostar em você e eu fiquei, nossa... Muito puto com isso! Foi algo que me marcou muito, assim... (MATHEUS).

Com situações como a que expõe Matheus, podemos perceber que estamos falando de algo que, à primeira impressão – e para muitos – parece algo bobo, sem importância; no entanto, conforme veremos adiante com os dados obtidos nesse estudo, muitas vezes certos apelidos, que podem até parecer inofensivos aos olhos de algumas pessoas, acabam afetando física e emocionalmente a vítima, abalando e modificando estruturas corpóreas e psíquicas mais – ou menos – vulneráveis, justamente pelo efeito do caráter performativo da linguagem. Dessa forma, entendemos o bullying como uma situação em que o agressor exerce determinado poder sobre a vítima, poder este que ele se autodenomina detentor. E, em linhas gerais, compreendemos o bullying como uma situação desigual de poder, na qual a vítima geralmente não possui recursos para evitar as agressões e se defender. Podemos ver isso quando Matheus fala que

(5) Eu acho que a gente fica muito tempo sendo tratado mal pelos outros e acaba guardando algumas feridas de...de parece que você ser quem você é, é errado

sabe?! E retomando o que fala em [3], [...] E aí quando eu vejo essas fotos em que a minha infância eu era muito mais espontâneo, eu fazia o que eu queria, é... e essa espontaneidade foi começando a ser violentada, é... isso traz algo negativo, assim. E aí eu acho que ver essas fotos me lembra que essa espontaneidade não tem nada de negativo, que eu posso ser quem eu sou, que não tem nenhum problema em ser gay, em ser afeminado... E eu gosto muito dessas fotos por isso. Elas me empoderam, de certa forma, sabe?! Sei lá... eu acho que a minha subjetividade fica mais forte ao ver essas fotos, ao saber que a minha origem é... era espontânea e alegre. E eu tento buscar um pouco disso pra mim hoje, também (MATHEUS).

Nesses trechos de sua fala, Matheus está mostrando fotos de sua infância para a câmera e se emociona ao falar. Essa situação desigual de poder, na qual o *outro* colocava Matheus em posição inferior, se dava principalmente pelo fato de seu corpo ser constantemente agredido pela performatividade discursiva de enunciados como os que eram direcionados a ele, tendo como principal motivação, conforme aponta, sua orientação sexual. O problema dessa (e de diversas outras) forma de violência é a questão de que ela ocorre principalmente com crianças e adolescentes em idade escolar, período de formação do sujeito – em todos os âmbitos. Segundo Moita Lopes (2018), o processo de formação de identidade do ser humano é performativo, através do qual ele se constitui social, histórica, cultural e discursivamente. Algumas pesquisas mostram que as consequências causadas pelo bullying podem se concretizar de diferentes formas, dentre elas a baixa autoestima, ansiedade, medo, sintomas físicos e emocionais, cefaleia, desânimo escolar, depressão, tendência suicida e suicídio, entre outros – e podemos ver isso também no relato de Ana Luiza, quando ela fala que

(6) Eu tenho ansiedade severa, e aí? Isso me impacta até hoje, e eu tô formando na faculdade, vou entrar no mercado de trabalho tendo crise de ansiedade, tipo assim, constantes; emagrecendo. Tendo que... as vezes tendo ataque de claustrofobia nos lugares mais inesperados, por causa disso. E... 'cê' não percebe que é por causa de que alguém, tipo, te chamou de cresbunda, ou porque falou que você não pertencia ali, ou porque falavam assim: "ah, mistura aí esse tanto de cor de lápis porque não tem sua cor aqui". 'Cê' não vai entender, enquanto "cê" tá tendo uma crise de ansiedade por causa de uma prova, ou por causa de alguma coisa assim que é a raiz de uma série de violações que você sofreu ao longo da vida. Então... eu tive amigos que sofreram bullying, de uma forma muito severa, e se suicidaram. E aí? (choro) (ANA LUÍSA).

Nesse trecho, podemos perceber que a jovem relata justamente os efeitos performativos dos atos de fala perlocucionários dirigidos contra ela, na medida em que, mesmo com o passar do tempo, ela ainda sente os efeitos de tal violação. É por isso que, não obstante, temos visto que os efeitos que o bullying provoca

podem refletir não apenas na vida escolar, como também a longo prazo, na vida adulta (BANDEIRA, 2009; OLWEUS, 1993). Pesquisas como a de Lopes Neto e Saavedra (2003) reafirmam que experimentar o bullying traz consequências imediatas e a médio ou longo prazo, e estão diretamente relacionadas à severidade e frequência dessa violência no meio social em que estão inseridos os referidos sujeitos. Para exemplificar esse ponto, olhemos para a seguinte situação: Ana Luísa, sobre quem já viemos falando e que compõe o grupo de relatos a ser analisado, é uma jovem mulher, negra, 25 anos de idade, está na última fase da faculdade e relata ter sido vítima de bullying durante boa parte da infância e da adolescência. Para contar sua história, Ana Luísa, diferentemente de Matheus, gravou seu depoimento no ambiente de seu próprio quarto, registrado por uma amiga muito próxima. No caso dela, a gravação ocorreu de forma mais natural e intimista, possibilitando que informações fortes e delicadas fossem, de certa forma, além de ditas, revividas, pois a jovem se deixou levar pelos sentimentos em diversos momentos de sua fala, mostrando-se muito emotiva em diversos momentos, o que fica evidenciado em seu tom de voz e expressões corporais e faciais.

Quando fala sobre os impactos que sente, Ana Luísa, acima, em (6), sempre muito emocionada, conta que sente até os dias de hoje as consequências da violência que sofreu na infância e na adolescência. Para ela, ter passado pelo que passou a tornou uma pessoa diferente. Nesse momento da entrevista, a jovem enfatiza bem essa questão do medo que sente hoje, já adulta, em enfrentar certas situações e como a maturidade lhe fez perceber que o bullying foi o principal causador de tudo isso em sua vida. O efeito perlocucionário da violência linguística sob a qual ela estava exposta, deixou nela marcas que a jovem considera irreparáveis. Ana Luísa conta que teve um trabalho muito grande para se reconstruir após o bullying e só quando mais velha, ao tentar lidar com as consequências e problemas, percebeu quão grandes foram os danos que sofreu – emocional, física e mentalmente. A jovem conta que teve amigos que cometeram suicídio por causa de bullying na adolescência e argumenta que, em alguns casos, o suicídio – o não viver – é a única forma que algumas vítimas encontram para não sentir mais dor. Nesse momento, tentando conter as lágrimas, Ana Luísa relata como tentava se proteger da violência que sofria. Ainda, esse trecho do relato da jovem nos mostra a construção desordeira dos corpos que são vítimas de bullying, uma vez que o contexto em que as crianças e os jovens estão inseridos em suas fases de descobertas e construção da independência – formação de si enquanto sujeitos – afeta diretamente o que elas se tornarão em seguida.

Outro ponto a ser observado é que existe, entre os jovens principalmente,

uma necessidade de pertencimento àquela comunidade em que estão inseridos e a determinados grupos; quando são vítimas de bullying, conforme vimos Ana Luísa relatar, a vítima deixa de se sentir pertencente ao lugar em que estava. A jovem vai relatando a maneira como se sentia exatamente dessa forma: excluída, não pertencente àquele lugar. Ao contar essa parte de sua história, Ana Luísa se mostra um tanto quanto preocupada com a maneira como se sente nos dias de hoje, tantos anos após ter sido vítima de bullying. As consequências dessa forma de violência, para ela, ainda são visíveis em sua rotina, como algo que mesmo que ela diga que superou aparenta ser uma ferida muito sensível que, ao toque, volta a doer, e que podemos perceber quando ela fala, em um de seus primeiros dizeres, o seguinte:

(7) Eu tive um trabalho muito grande pra tentar me reconstruir de novo, e aí... foi aí que eu reparei quanto dano tinha sido feito. Porque você vai se diminuindo tantas vezes que você não tem noção de quanto que você tá, basicamente, enterrado. Mas... você não tem noção do quanto que você se quebrou pra, tipo assim, desaparecer. Cê vira, basicamente, pó... emocionalmente, mentalmente, fisicamente (ANA LUÍSA).

Para a jovem, determinados usos linguísticos, como os que ela aponta – *crebunda* e a menção a outros xingamentos –, parecem ser mais carregados do que outros (SILVA, 2010), e ela fala a respeito da maneira como esses a feriram ao longo do tempo. Para Ana Luísa, o significado das expressões linguísticas, como *crebunda*, que eram usadas contra ela, geraram efeitos duradouros em sua vida e a maneira como era chamada pelos colegas trouxe consequências psicológicas muito fortes para a jovem, como vemos através do que ela mesma relata. Observando por esse lado, tal ponto nos remete ao âmbito da significação, levando-nos a perceber a força e o efeito performativo da linguagem exercida por determinadas palavras em determinados contextos, mostrando-nos que palavras como *crebunda*, apelido que deram para Ana Luísa na escola, “*que era o cabelo que eu tinha na cabeça, as meninas tinham na bunda*” (ANA LUÍSA), são expressões que trazem a injúria para a cena. Vale lembrar, também, que em casos como o de Ana Luísa, a injúria racial se faz presente – cenas de preconceito racial perpassam cenas de bullying.

O fato de algumas palavras serem mais adequadas a determinados contextos do que outras é algo que não se deve deixar de lado, dado o fato de que os contextos não podem ser vistos isolados da linguagem. Os significados que surgem nessa interação, então, agem e influenciam os sujeitos de diferentes maneiras, devido às suas vulnerabilidades. Por isso, ao vermos o bullying como um

fenômeno social e de ampla e principal ocorrência entre os jovens, cujas ações podem acarretar sérias consequências para a vítima, o que pouco se fala, no entanto, é que antes de ser um fenômeno puramente social, o bullying é, também, um fenômeno linguístico. Portanto, para compreender o caminho que este trabalho percorre, é preciso ter em mente que abordamos o bullying como uma forma de violência linguística, com o argumento central de que a língua, quando utilizada com essa finalidade, abala e modifica estruturas corpóreas e psíquicas de diferentes maneiras.

É nesse sentido que tratamos da relação entre violência e significação, especialmente através da violência na linguagem – uma relação que gera certa forma de desorientação, conforme explicam Silva e Alencar (2012) – como se aquele que sofre essa violação perdesse o contexto da situação. Assim, os autores explicam que no momento em que a linguagem é utilizada com a finalidade de causar dano ao outro, temos um contexto de significação gerado pela violência linguística em que não só se perde o chão, como também uma série de (re)ações se tornam possíveis.

1.2 A linguagem é violenta?

Constituinte do ser humano, podemos também entender a linguagem como aquilo que conduz o pensar humano, produzindo realidade e sujeitos sociais. Enquanto seres constituídos de linguagem, como de tantos outros elementos, Silva (2010), aponta a violência como constituinte da humanidade e como algo que está presente em nós como uma capacidade, a ser desenvolvida ou não, enquanto Butler (1997), argumenta, como veremos adiante, que as palavras que ferem são também as palavras que possibilitam a existência humana. A violência sobre a qual Silva (2010), se refere, não diz respeito apenas à sua forma física, mas às suas diversas formas de manifestação. Um dos exemplos retratados por Silva (2010), é a violência simbólica, a que se dá através da linguagem, por meio de palavras que podem nos ferir tanto ou mais do que um “tapa na cara”. Também Saviani (1983) nos explica o porquê de tratar a violência linguística como violência simbólica:

Por que violência simbólica? Os autores tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Sob a base da força material, e sob sua determinação, erige-se um sistema de relações de força simbólica cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações de força material. É essa ideia central contida no axioma

fundamental da teoria. Senão vejamos o seu enunciado: “Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força (BOURDIEU; PASSERONI, 1975, *apud* SAVIANI, 1983, p. 29).

Assim, Bourdieu (1975) explica que a questão do poder das palavras está implicada na supressão inicial da questão relacionada aos usos da linguagem e, por conseguinte, das condições sociais de utilização das palavras. Para tanto, explicando de que forma a violência simbólica se dá, Saviani (1983) argumenta que esta se manifesta de diversas formas e em todas elas podemos ver a ação da linguagem, que é (ou se torna) pejorativa, ofensiva, violenta. Dessa forma, por esse caminho podemos passar a tratar ao bullying como violência simbólica, como uma violência que é primeiramente linguística, e que se dá na interação social, na troca linguística entre os indivíduos. Na prática, termos como *crezbunda* são a exemplificação desse poder das palavras, sobretudo de ofender.

Para exemplificar melhor como se dá a questão da violência simbólica, Bourdieu (1990) explica que violência simbólica e poder simbólico “existem no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito, etc. –, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações”. (BOURDIEU, 1990, p. 149). O autor vale-se da noção de violência simbólica como uma forma de desvendar o mecanismo que faz com que as pessoas vejam como natural as ideias sociais dominantes. Bourdieu (1990) nos mostra que a violência simbólica se desenvolve através das instituições e dos agentes que ali atuam, como uma forma de exercer uma certa autoridade. A noção de violência simbólica explicada por Bourdieu (1990) é eficaz para mostrar como aqueles que são dominados, ou seja, as vítimas, aceitam seu papel: os dominados/as vítimas, segundo o autor, sentem-se, percebem-se ou deslocam-se a esse não lugar (SILVA, 2012), por conta de uma dominação imposta através da aceitação das regras e por conta de uma certa incapacidade de conhecimento de direito ou morais, as práticas linguísticas, etc. Dessa forma, tais afirmações significam dizer que, conforme o autor aponta, a violência simbólica ocorre justamente porque há uma desigualdade entre os sujeitos.

Essas questões relacionadas à violência e suas diversas formas de manifestação – física, linguística ou simbolicamente, entre outras – têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, em diferentes campos teóricos. Em *Excitable Speech*, Judith Butler (1997) – uma das principais autoras sobre a temática da

violência – teoriza a respeito da violência das palavras e, ao problematizar nossa condição de seres constituídos de linguagem, a autora explica que somos vulneráveis ao poder formativo da linguagem. Butler (1997) afirma que o primeiro insulto ao qual somos expostos é nosso próprio nome e, para exemplificar, a autora nos mostra que “uma criança, ao receber um nome, experimenta não apenas uma possibilidade primária de existência da vida social, mas é apresentada à primeira injúria linguística que se aprende” (BUTLER, 1997, p. 78). Ser chamado por um nome, explica a autora, é também uma das condições pelas quais um sujeito é constituído na linguagem. Paradoxalmente, o mesmo nome que pode ser uma ofensa, uma injúria, traz ao sujeito a possibilidade de existência social. Na visão da autora, somos vulneráveis não apenas porque a vulnerabilidade surge com a própria vida, mas também porque essa vulnerabilidade se perde em sua origem uma vez que precede a formação do *eu* (BUTLER, 2019). A autora explica que o nome, a forma como somos chamados, funciona como um endereçamento, que se trata, segundo ela, de um modo de resposta a algo que foi dito *a mim*. Por isso, Butler (2019) argumenta que

Mais enfaticamente, no entanto, o que nos vincula moralmente tem a ver com a forma como somos endereçados pelos outros de maneiras que não podemos evitar ou prevenir; esse impacto pelo endereçamento do outro nos constitui primeiramente contra nossa própria vontade ou, talvez, posto de maneira mais apropriada, antes da formação da nossa vontade (BUTLER, 2019, p. 159).

Nesse sentido, Butler (1997) explica que não é possível imaginar um corpo sem nome – essa é uma coisa que não existe, diz a autora; os sujeitos são chamados de “isto” ou “aquilo”. Os termos que facilitam o reconhecimento das pessoas são eles próprios convencionados, os efeitos e os instrumentos de um ritual social que decide, frequentemente por exclusão e violência, as condições linguísticas dos sujeitos sobreviventes. Assim, se a linguagem pode sustentar o corpo, argumenta Butler (1997), também pode ameaçar sua existência. Também nesse sentido, Silva e Alencar (2014) afirmam que os contextos de uso não podem ser vistos como cenas isoladas de um eterno presente, onde dois ou mais indivíduos intencionais interagem; os contextos são, ao contrário, atos históricos e sociais onde dois ou mais agentes sociais interagem por meio da linguagem. (SILVA; ALENCAR, 2014, p. 260). Ainda, segundo os autores, o que tais agentes sociais pronunciam não são propriamente palavras, “carregadas” de significado violento ou não. Eles também explicam que a linguagem que fere o outro é a mesma linguagem que oferece possibilidades de existência linguística ao sujeito. Eles apontam

que, dessa forma, a violência linguística pode ser vista além de algo que destrói a significação e a identidade do sujeito, mas também como algo que as constitui. Ainda, entre outras questões, a teoria da performatividade que Austin (1976) desenvolve instiga, de certa forma, uma discussão a respeito da responsabilidade, algo que está justamente ligado, de forma direta, como veremos, ao bullying.

É nesse sentido que Butler (2019) explica que ser violado significa ter a oportunidade de pensar a respeito dessa violação, de descobrir os mecanismos de sua distribuição, de descobrir quem mais sofre com fronteiras permeáveis, com uma violência inesperada, com a despossessão e com o medo, e de perceber a forma como sofrem (BUTLER, 2000, p. 10). A autora aponta, também, que construídos e constituídos nas práticas sociais, os usos linguísticos são sempre, de maneira geral, comportamentos sociais, culturais e, sobretudo, intencionais – ressaltando, ainda, a questão de que *intenção* é um conceito complexo, o qual em diversos casos é feito, como quando um agressor diz *tive a intenção de brincar, apenas*, por exemplo; outros, como os que geram bullying, vão muito além da intenção, como veremos adiante. Com isso, percebemos que tanto a violência quanto a significação produzem efeitos.

Também a esse respeito, Silva e Alencar (2012) argumentam que os agentes sociais não pronunciam propriamente palavras carregadas de significado – violento ou não – mas atos de fala (AUSTIN, 1962), que funcionam ou falham, precisamente porque “ecoam ações prévias” (BUTLER, 1997, p. 51). Esses contextos de uso são tipificados (BOURDIEU, 1991), ou ritualizados (DERRIDA, 1977), evocam poder, afeto e adesão, entre outros agentes sociais. Para exemplificar e compreender melhor tal ponto, retomemos o que nos fala Ana Luísa. Ao trazer seu depoimento, a jovem aborda o assunto relatando que, para ela, os preconceitos estão sempre presentes e aparecem na forma de bullying contra pessoas que são diferentes, por terem aparência diferente e por não estarem no padrão estabelecido pela sociedade. A jovem conta que sofreu por sua cor, classe social e condição financeira. Recuperando o apelido de *cresbunda*, Ana Luísa conta que tentou pedir ajudar para resolver o problema, mas não teve apoio: (8) É... eu virei pra professora, eu contei pra ela isso e ela falou assim: - Você é? E falei assim: - Não, mas tá me incomodando. [...] Aí ela falou assim: - Então tá, então ignora. (ANA LUÍSA).

Ao longo de sua fala, a jovem vai demonstrando a violação que sofria através do efeito performativo da linguagem e, para além da linguagem, os efeitos dessa violação sobre seu corpo, acrescentando que

(9) [...] isso vai se mostrando em outras áreas da vida, então... minha habilidade

emocional de lidar com qualquer coisa era nula, zero [...] Eu tenho ansiedade severa, e aí?! Isso me impacta até hoje... e eu tô formando na faculdade, vou entrar no mercado de trabalho tendo crise de ansiedade, tipo assim, constantemente... emagrecendo... tendo que... as vezes tendo ataque de claustrofobia nos lugares mais inesperados por causa disso. E... cê não percebe que é por causa de que alguém, tipo, te chamou de cresbunda, ou porque falou que você não pertencia a ali, ou porque falaram assim: - Ah, mistura aí esse tanto de lápis porque não tem sua cor. Cê não vai entender, enquanto cê tá tendo uma crise de ansiedade por causa de uma prova, ou por causa de uma coisa assim, que a raiz é uma série de violações que você sofreu ao longo da vida (ANA LUÍSA).

Esse trecho do depoimento de Ana Luísa reforça que o bullying pode ter poder transformador e duradouro sobre suas vítimas, com cenas traumáticas que ficam se repetindo em sua memória, o que aponta para trauma e iterabilidade¹, mostrando-nos que o performativo produz uma série de efeitos (os quais ela comenta que sente na pele) sobre os diferentes sujeitos. Esses efeitos exigem que o sujeito se ressignifique, depois de ser deslocado a outro lugar – de vítima – e ter sofrido uma violação simbólica que atinge ao corpo tanto – ou mais – do que a violência física. Nesse sentido, podemos afirmar, conforme Butler (2019), que a violência é certamente uma forma de expor, da maneira mais aterrorizante, a vulnerabilidade primária humana. A violência é algo que nos coloca sob total controle do outro, à vontade do outro. Segundo Butler (2019),

Na medida em que cometemos violência, estamos agindo no outro, colocando o outro em risco, violando o outro, ameaçando expurgar o outro. De certa forma, todos nós vivemos com essa vulnerabilidade ao outro que faz parte da vida física (...). Essa vulnerabilidade, no entanto, torna-se altamente exarcebada sob certas condições sociais e políticas, especialmente aqueles em que a violência é um modo de vida e os meios para garantir a autodefesa são limitados (BUTLER, 2019, p. 49).

Portanto, a autora nos mostra que quando afirmamos ter sido feridos pela linguagem, atribuímos a ela uma agência, um poder de prejudicar que nos coloca em posição de objeto de sua trajetória prejudicial. Além disso, Butler (1997) explica que a situação da fala não é um simples contexto que pode ser definido com facilidade por limites espaciais e temporais, o que, segundo a autora, denota que ser ferido pela fala é sofrer uma perda de contexto, ou seja, não saber onde você está. Isso se dá, de certa forma, pelo que explica Butler (1997), devido ao

1 Conceito desenvolvido por Jacques Derrida (1990), a partir de sua releitura do performativo austiniano, que consiste, grosso modo, na possibilidade que todo signo possui de poder ser repetido na ausência de seu contexto, significado ou intenção original. A discussão a respeito desse conceito aprofundo em outro trabalho, no terceiro capítulo de minha dissertação, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227087>

fato de que a linguagem é pensada principalmente como agência, como um ato com consequências, pois, segundo a autora, fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem e fazemos coisas para a linguagem. Nesse sentido, a linguagem age, e age contra nós, conforme Butler (1997) explica. Mas, algumas palavras ferem mais do que outras; outras nem sequer ferem, dado o contexto. A autora argumenta que o poder de uma palavra ferir também está relacionado com o poder interpelativo da linguagem.

É, ainda, por conta dessa interpelação que a forma como se chama outra pessoa, de maneira ofensiva, faz com que ele possa (re)agir de maneira inesperada e isso inaugura um sujeito na fala que usa a linguagem para combater a chamada ofensiva. Segundo Butler (1997), ser tratado de maneira prejudicial não é apenas estar aberto a um futuro desconhecido, mas não saber a hora e o local de seu ataque, sofrendo a desorientação da situação como efeito de tal discurso. Ana Luiza, conforme vimos acima, nos mostra que esse *futuro desconhecido* pode aparecer, também, na forma reativa, através de atitudes como *descontar* no outro aquele sentimento em si. Isso fica evidenciado quando a jovem relata sobre suas reações de xingamento e que, aos poucos, foi se transformando em sua auto repressão, como “*quanto mais invisível eu aparecer, ou seja, não aparecer, menos eles vão me notar, menos eu vou ser o alvo*”. Ana Luísa também diz que

(10) [...] Quando alguém implicava com meu cabelo e tal... eu já tive duas reações bem violentas na situação. Eu xinguei o juvenzinho lá na aula, e ele ameaçou contar pra professora. E a outra foi uma menina que colou no meu cabelo e eu dei um chutasso nela, na primeira série... 7 anos e eu lá – gestos de luta – Mas... Quando... à medida que eu fiquei mais velha eu internalizei [...] A minha reação primária que era, tipo assim, de violência ou de xingar, ela basicamente foi encolhendo. Eu não falava, eu simplesmente... quanto mais invisível eu aparecer, ou seja, não aparecer, menos eles vão me notar, menos eu vou ser o alvo. Então eu acho que a partir daí que tem aquela anulação do ser, né?! Você vai se anulando aos poucos, quem você é, não pra você ser igual a quem te... que te... tipo, oprime, mas ‘pra’ você simplesmente parar de ser o alvo, pra ir quebrando um pedacinho de quem você é, pra simplesmente ver se desaparece (ANA LUÍSA).

A jovem se queixa dos nomes pelos quais foi chamada na época em que sofria bullying, do comportamento das pessoas (agressores) e de como precisou se diminuir e se anular para tentar um escape da violência. Esse ponto, o qual ela chama de *anulação* chama a atenção justamente porque o termo remete ao que ela sentia na época e que consiste em um efeito performativo, a dimensão perlocucionária do bullying, como se deixar de existir, de alguma forma, no meio de

seus agressores, fosse o suficiente para que a violência tivesse um fim. O anular-se ao qual Ana Luísa se refere, diz respeito também a sua existência corporal, nos termos de Butler (1997), conforme ela relata ao dizer que percebia, indiretamente, que a linguagem utilizada agia contra ela e que de alguma forma seu corpo pedia que aquilo não persistisse por mais tempo.

Cenas como as que Ana Luísa relata, além de outras nessa discussão, mostram-nos algumas instâncias do bullying que deixam clara a forma como ele funciona: primeiro, existe um certo padrão nesse tipo de comportamento; segundo, é citacional, pelo fato de as pessoas repetirem certa postura comportamental; terceiro, é cultural, pois existe uma cultura da prática dessa violência, que inclusive vem sendo questionada e, em certa medida, contida. No limite, Austin (1970) nos mostra que ao olharmos para a linguagem como forma de ação e não apenas como forma de descrição do mundo, elementos como contexto, sujeito(s) ação e seus respectivos efeitos, entram em discussão e ponto de análise.

Butler (1997) e Austin (1970) nos fazem perceber as complexidades em torno da compreensão da linguagem como ação. Butler (1997), nesse sentido, discute aspectos políticos em torno do debate sobre as formas de injúria verbal, valendo-se da possibilidade que a linguagem possui de, através de determinados enunciados, injuriar, incitar e ofender. Na concepção da autora também surge a questão da responsabilidade, no ponto em que se torna necessário encontrar uma origem/uma causa/motivação para o discurso ofensivo/injuriioso. Olhando sob tal perspectiva, Butler (1997) explica, ainda, que em se tratando das maneiras pelas quais a linguagem ameaça, a violência parece estar ligada à dependência primária de qualquer pessoa que fala.

Para responder, então, a pergunta que intitula essa seção, *A linguagem é violenta?*, tomamos como base Butler (1997) quando ela explica que a noção de que a fala fere, parece depender da relação inseparável e incongruente entre corpo e fala, mas também, conseqüentemente, entre a fala e seus efeitos. A autora argumenta que para decidir a questão do que é uma ameaça, ou, de fato, o que é uma palavra que fere, uma simples observação das palavras não será suficiente e nem as circunstâncias, por si só, fazem as palavras ferirem. Ao passo que a fala está sempre, de certa forma, fora do nosso controle, a afirmação de que um discurso não apenas comunica o ódio – como *cresbunda* –, mas constitui um ato prejudicial e pressupõe não apenas que a linguagem age, mas que ela age sobre seu destinatário de maneira prejudicial. Ou seja, a lesão não está presente nas convenções que um determinado ato de fala invoca, mas nas conseqüências es-

pecíficas que um ato de fala produz, ou seja, na dimensão perlocucionária desse performativo. Assim, segundo Butler (1997), aquele que ouve um determinado enunciado se machuca como consequência dele. A autora explica que esse tipo de enunciado também ordena ao sujeito que ele ocupe uma posição social subordinada. É esse tipo de enunciado que traz a violência à cena, aquele que expõe uma vulnerabilidade prévia à linguagem.

Segundo Butler (1997), os termos ofensivos marcam um lugar discursivo de violência. Ana Luísa e Matheus exemplificam isso em seus depoimentos, como vimos, com termos como *cresbunda* e a menção a xingamentos relacionados a orientação sexual e etnia, por exemplo. É nesse sentido que Butler (1997), defende a questão de que afirmar que uma vida pode ser lesada implica em afirmar sua precariedade. Assim, essa precariedade mostra que a possibilidade de poder ser atingido de forma violenta está sempre aberta às possibilidades, pois o corpo está exposto, sempre, de alguma forma, aos outros, e não somente aos que conhecemos. Butler (2019) argumenta, também, que afirmar que a vida é precária consiste em afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver. Segundo a autora, ainda, a condição precária é uma condição geral de existir e designa a condição politicamente induzida, na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Para Butler (2019), essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamento e violência sem nenhuma proteção. A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência (BUTLER, 2019).

Considerações Finais

Neste texto, abordamos a questão da performatividade como elemento fundamental na cena da violência. O ato de fala performativo e sua dimensão perlocucionária, conforme vimos, tem forte papel no processo de resignificação de sujeitos que protagonizam cenas de bullying. Gerando uma forma de desorientação, a relação entre violência e significação, a partir dos casos de Ana Luísa e Matheus e sobretudo no que diz respeito à violência na linguagem, nos mostra que a linguagem pode colocar o sujeito-vítima em um posicionamento de vulnerabilidade e subordinação, apontando-nos que alguns usos linguísticos tendem a ser mais carregados do que outros, conforme a cena da interação.

Dito isso, percebemos que as palavras que possuem significado mais carregado do que outras são, então, palavras que ferem. Ao olhar para os atos de fala em sua dimensão perlocucionária, a análise ponderada nessa breve reflexão traz à tona a violência e os sujeitos afetados por ela, colocando em ênfase o fato de que eles têm suas estruturas corpóreas e psíquicas mais – ou menos – abaladas.

As questões relacionadas à violência, amplamente discutidas nos meios social e científico, têm demonstrado sua urgência como um aspecto que não deve ser deixado de lado nos debates. Butler (2019) nos lembra que somente quando estamos expostos à violência é que somos eticamente obrigados a pensar na forma como reagiremos ao ato de violação. Olhar para o que a autora nos diz a esse respeito, nos faz perceber certas regularidades em relação, principalmente, ao deslocamento para a posição de vítima, que os jovens relatam e que é, como vimos, caráter performativo da dimensão perlocucionária de certos atos de fala a eles dirigidos, e que configuram o bullying. Desse modo, as cenas relatadas ao longo do texto têm nos mostrado a forma como a linguagem age (AUSTIN, 1970) sobre o interlocutor.

Depois de constatar o caráter performativo da língua, outro ponto essencial consiste em compreender que para tal enunciado ter efeito sobre o outro é necessária uma série de adequações do locutor. Essas adequações consistem em sua função social e do discurso que o sujeito pronuncia. A essas adequações referem-se tanto às formas linguísticas utilizadas, quanto a posição de um sujeito (agressor) frente ao outro (vítima), de forma que esse outro sinta-se atingido, agredido, violentado. Nesse ponto, vimos que é o poder que entra em cena: não se trata apenas do fato de alguém dispor do poder de pronunciar em determinado enunciado, mas também de uma relação interpessoal na qual um sujeito sente-se em posição de autoridade em relação ao outro. Nessas situações de violência, o agressor não sente apenas que é detentor do poder no sentido de ser, em certa medida, superior ao outro, mas também o poder no sentido de achar que pode, por isso, agredir o outro. É válido lembrar que, como vimos, é justamente o poder perlocucionário da fala e o agir performativo da língua que possuem uma força capaz de colocar qualquer pessoa na posição de vítima.

Ainda, em se tratando de como o bullying é articulado através da linguagem e as diferentes formas como ele pode agir sobre a vítima, é relevante também a questão da iterabilidade (ou citacionalidade). Através da crítica de Derrida (1991), percebemos que a iterabilidade consiste na propriedade discursiva de um signo em poder ser repetido na ausência de seu referente, seu significado e sua

intenção. Nesse momento final de articulação, conseguimos perceber que é justamente essa propriedade que traz a violência para a cena da interação e coloca o outro no não-lugar. Em uma determinada cena, um enunciado pode ser dito e nenhuma forma de violência ocorrer; porém, ao romper com o contexto e ser utilizado em outra cena, esse mesmo enunciado pode ocasionar ofensa e trazer a violência para o centro da questão. Em certa medida, esse tipo de situação ocorre devido ao *habitus* e ao campo em que estão inseridos ambos sujeitos. Essa visão é possível porque, segundo Bourdieu (1991), a noção de *habitus* é entendida, de forma muito ampla, como a principal força que impulsiona a ação social.

Por fim, acreditamos que o presente trabalho tenha suas limitações calcadas no fato de termos analisado um pequeno grupo de vítimas. Com isso, queremos dizer que podemos encontrar situações muito diferentes e mais graves em outros sujeitos. No entanto, a dificuldade em encontrar vítimas que queiram falar sobre o assunto foi um grande desafio para alcançar sujeitos com discursos a serem analisados. Acreditamos, depois do que discutimos, que a principal motivação para tal dificuldade seja justamente uma das consequências do bullying, a qual vimos também em nossos depoimentos: as pessoas, as vítimas, não querem falar sobre o assunto, seja por medo, por reviver sentimentos ruins, por *revirar o baú* das emoções que estão guardadas no subconsciente etc. Ainda, acreditamos que a temática desse texto deva ganhar mais destaque em outras áreas, as quais atuam com mais ênfase principalmente na escola e no processo de formação dos sujeitos, para que, de alguma maneira, possam auxiliar as vítimas, observar a ocorrência dessa violência e, quem sabe (se não for sonhar alto demais) encontrar uma forma de diminuir ao máximo possível a ocorrência do bullying. E dizemos *sonhar alto demais* porque as discussões que tivemos ao longo desse texto nos mostram que não apenas a ocorrência da violência é algo complexo, como também os sujeitos, as intenções, os efeitos e todos os elementos envolvidos em tal contexto, os quais pedem sempre uma reflexão amplamente aprofundada.

Referências

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer:** Palavras e ações. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador.** Tradução de: Guilherme João de Freitas Teixeira com colaboração de Jaime A. Clasen. São Paulo: Autêntica, 2012.

BUTLER, J. **Corpos que importam:** os limites discursivos do "sexo". São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FANTE, C. **O fenômeno bullying**. Campinas: Versus, 2005.

MARCAS de uma geração. Direção de Leandro Resende Lacerda. Produção de Maria Carolina Ferreira Netto. Realização de Mariana Silva Morato. Minas Gerais, 2017. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AG9XnVaSesw&t=694s>. Acesso em: 21 jun. 2019.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: What we know and what we can do. London, Lackwell, 1993.

OLWEUS, D. **Bully/victim problems in school**: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997.

OLWEUS, D. **Bullying at schools**: facts and intervention. *American Journal Of Orthopsychiatry*, New York, 1999.

OLWEUS, D. Bully/victim problems among schoolchildren: basic factors and effects of a school-based intervention program. In: PEPLER, D.; RUBIN, K. **The development and treatment of childhood aggression**. Philadelphia: Lawrence Erlbaum, 2001.

SILVA, D. N. **Pragmática da Violência**: O Nordeste na mídia brasileira. 2010. 181 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas, 2010.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N. de. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 129-146, 2013. DOI: 10.20396/cel.v55i2.8637294. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637294>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. De. (Org.). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

VALLE, I. R.; SOULIÉ, C. (Org.). **Pierre Bourdieu**: uma sociologia ambiciosa da educação. Florianópolis: Editora Ufsc, 2019.

Sobre a autora

Graziela Hahn - Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: grazielahn@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0469814007878840>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-2293-8852>.